

31/07/2019

## Educação em Saúde, Tradução Cultural e Descolonização

**Gil Sevalho**

[Médico Sanitarista, Doutor em Ciências da Saúde e Pesquisador da Ensp/Fiocruz]

Recursos tecnológicos pontuam cada vez mais a comunicação inter-humana, de modo que o contato físico é atravessado por relações de virtualidade forjadas no ciberespaço. Quando o fetiche do consumo da imagem virtual nos escraviza como ilusão da proximidade, devemos considerar criticamente o sentido de humanidade implicado no encontro entre pessoas. Aparentemente vivemos um paradoxo: mais abrimos mão do contato físico quando as possibilidades tecnológicas de transporte físico são maiores e mais rápidas. As democracias ocidentais estruturadas sob a ordem neoliberal, por sua vez, não estabeleceram a justiça social e possibilitaram novas formas de opressão estabelecendo um contexto onde as tecnologias de comunicação e transporte não são acessíveis para todos. No mundo contemporâneo diásporas e migrações ocorrem marcadas por conflitos e rechaços e não pelo reconhecimento e aceitação do outro e é nesta perspectiva que deve ser pensada a tradução, sempre presente na comunicação e na escuta.

A tradução se remete historicamente às escrituras sagradas, mas uma Teoria da Tradução é sistematizada principalmente desde o século XX como construção interdisciplinar emergente da hermenêutica e da linguística. Comumente nos referimos à tradução unicamente no sentido interlingual, entre idiomas diferentes, mas o linguista Roman Jakobson (2003) já apontava três tipos de tradução: interlingual, intralingual, dentro da mesma língua, e intersemiótica, quando a tradução extrapola a forma oral. Em um mundo que parece encolher quanto mais intensamente movimentam-se imagens e pessoas, a tradução ampliou seu significado para uma dimensão cultural e se faz mais presente e necessária, a ponto de Ribeiro (2005) identificá-la como uma “metáfora da contemporaneidade”.

Urge introduzir na saúde coletiva a discussão sobre tradução. Nas relações onde se desenvolve o cuidado, como ação de educação em saúde, é fundamental que entre os sujeitos participantes, profissionais de saúde e população em geral, se estabeleça uma dialogicidade, pensando-se o termo com o sentido que lhe dá Paulo Freire, como realização estruturada pelo respeito mútuo na construção de perspectivas educativas coletivamente emancipadoras. No cuidado em saúde opera-se a escuta como “um jogo de expectativas e produções” (Merhy, 2004, p. 115) fundado não na mera transmissão do conhecimento, mas na construção e reconhecimento de projetos de felicidade (Ayres, 2004) referenciados à saúde em integralidade e complexidade.

Pensando-se a tradução em sentido metafórico como inerente ao processo de comunicação, a pertinência da realização deste movimento epistemológico de introdução do tema na discussão em saúde coletiva pode ser bem ilustrada por duas questões recorrentes na Teoria da Tradução, especialmente críticas para a educação em saúde: a de que “a tradução é necessária, mas impossível” e a de que “toda tradução é manipulação” (Gentzler, 2009; Aslanov, 2015). Ambas as questões devem ser consideradas de forma interligada não como limitantes, mas como elementos que impõem à discussão características de complexidade. A tradução é necessária para toda comunicação, mas uma literalidade ideal é impossível porque a operação sempre compreenderá, entre ambiente de partida e de chegada, uma interpretação que requer manipulação para adequação entre contextos históricos e culturais diferentes. Como propósito ideológico, porém, qualquer forma de tradução pode representar um ato de manipulação com objetivos de dominação e colonização, tanto mais quando se considera a educação, que envolve aspectos ideológicos voltados para a domesticação que não são facilmente identificáveis.

Partindo da dominação política e cultural eurocêntrica que permanece nas sociedades urbanas contemporâneas os pensadores diaspóricos pós-coloniais Homi Bhabha (1998) e Stuart Hall (2002) analisam a instrumentalização da “tradução cultural” nas relações racistas entre colonizadores e colonizados. Em Hall a temática se apresenta na conformação de novas identidades sob a dissolução de fronteiras, sendo a cultura um processo de negociação entre “Tradição e Tradução”, entre assimilação/inclusão social e o risco da alienação. Em Bhabha, autor indiano explicitamente influenciado por Frantz Fanon, a hibridização cultural fundamenta um processo de tradução que fende ou fissa a diferença de identidades entre colonizador e colonizado e possibilita resistência ou subalternização.

Autor descolonial, Boaventura de Sousa Santos (2004) propõe um “trabalho de tradução” que possibilite a criação de inteligibilidade e articulação entre as experiências do mundo, funcionando de modo a procurar reciprocidades que não se coloquem como totalidades exclusivas ou homogeneidades. A tradução pensada é trabalho político transgressivo a ser realizado entre saberes, práticas e agentes de modo a revitalizar processos históricos e culturais ameaçados pela colonização.

Novos aspectos podem trazer alguma luz sobre problemas que permanecem. Pensemos a educação como processo de tradução. A importância que hoje se dá ao estudo da tradução, como conceito e prática, contrasta com a ausência do tema no campo da saúde coletiva e principalmente na educação em saúde. A subordinação à universalização do saber biomédico é, certamente, um problema cuja análise pode ser enriquecida na perspectiva crítica da tradução cultural, se compreendemos a educação em saúde como projeto emancipador. Entendo que na pedagogia freireana a “conscientização” libertadora vem como processo genuíno de “codificação/decodificação” que pode ser visto como capacidade de tradução cultural da realidade local.

■■■



Ver Bibliografia

ASLANOV, C. A tradução como manipulação. São Paulo: Perspectiva – Casa Guilherme de Almeida, 2015.

AYRES, J. R. C. M. Cuidado e reconstrução das práticas de saúde. Interface – Comunicação, Saúde, Educação. V.8, n.14, p.73-92, 2004.

BHABHA, H. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

GENTZLER, E. Teorias contemporâneas da tradução. São Paulo: Madras. 2009.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. In: JAKOBSON, R. Linguística e comunicação, São Paulo: Pensamento-Cultrix, p. 63-72, 2003.

MERHY, E. E. O ato de cuidar: a alma dos serviços de saúde. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e Educação na Saúde. Departamento de Gestão e Educação na Saúde. Ver-SUS Brasil: cadernos de textos. Brasília: Ministério da Saúde, p. 108-137, 2004.

RIBEIRO, A.S. A tradução como metáfora da contemporaneidade – pós-colonialismo, fronteiras e identidades. Eurozine, july, p. 1-12, 2005. Disponível em: <http://www.eurozine.com/a-traducao-como-metafora-da-contemporaneidade/>

SANTOS, B. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, B. S. (org.). Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2004.

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*